



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 86/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

DESACERTOS NA FALA DO PRESIDENTE

Quando acontece, dói, porque é o nosso Presidente, e queremos aplaudir sempre o que ele diz. No entanto, às vezes, oh, penso eu, seria melhor não ter aberto a boca.

É um Presidente que não economiza falas, já escrevi, há meses, um Correio sobre isso; não deixa nada sem comentário, nem deixa pergunta sem resposta. E responde honestamente, não faz como o sabido do Brizola, que indagado das laranjas, falava das bananas.

É reconhecida a capacidade de comunicação do Presidente Lula, sua empatia com a linguagem do povo, sua capacidade de explicitar bem razões e opiniões, sua inteligência no confronto de idéias, seu talento na exposição dos sentimentos. Sua fala logo após a decisão favorável ao Rio pelo Comitê Olímpico foi um exemplo notável dessa espontaneidade na expressão do sentimento de comunhão popular no regozijo.

Por isso mesmo é especialmente triste, para os que o admiram e o acompanham nas suas posições políticas, quando algum discurso seu resvala para o incorreto ou o inadequado. O que obviamente é inevitável em qualquer ser humano, e mais freqüente em quem fala muito. Pois resvalou duas vezes, em dias seguidos, na semana passada: quando falou da aliança de Jesus com Judas e quando quis retirar da imprensa a função de fiscalização.

Do primeiro caso, não há muito o que comentar, senão repetir que é sempre inadequado usar entidades, símbolos e sentimentos religiosos em discursos políticos, pretender sacar dessa profundidade da alma argumentos para o debate político no plano do cotidiano. É claro que a política exige alianças, todos compreendem, não seria preciso apelar para nenhuma figura divina. Ficou ruim mesmo e, além da inadequação, a falsidade na comparação, eis que Jesus não era político e realmente jamais fez nem faria qualquer aliança com Judas.

Da questão da mídia, sim, há mais o que dizer. E bastante mais.

Na realidade política do mundo de hoje, a mídia obviamente constitui um quarto poder. Que chega mesmo a ser um super-poder, que exerce a fiscalização sobre os demais sem ser fiscalizado por nenhum deles. Um super-poder que se aproveita da condição de informante e mediador entre a sociedade e o estado para efetivamente pautar a ação dos outros poderes, os três legitimamente constituídos, escolhidos direta ou indiretamente pelo voto popular.

Tudo isso, assim mesmo, faz parte do modelo de regime democrático aceito consensualmente, construído passo a passo, com avanços e recuos, há uns trezentos e cinqüenta anos, desde a revolução inglesa e dos escritos de Locke. Construção que ainda não chegou ao fim, que prossegue buscando sendas de aperfeiçoamento, em direção ao farol da utopia, que jamais será atingido mas iluminará sempre as rotas desse avanço.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 86/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

É uma dessas sendas de aperfeiçoamento diz respeito justamente à imprensa, isto é à mídia de hoje. A liberdade de imprensa, irrestrita, é, sim, uma das condições essenciais da democracia. Já passou por tanta discussão, por tanta experiência de controle, de censura, por tanto abuso cometido, que não há como deixar de reconhecê-lo como ponto definitivamente assentado. E esse conceito de liberdade compreende, claramente, a liberdade de crítica a qualquer dos poderes, trazendo implícita, por silogismo irrefutável, a liberdade de fiscalizar os atos desses poderes.

O que não está assentado, o que está sendo buscado nessa abertura de caminhos de aperfeiçoamento, é justamente o meio de fiscalizar a mídia, que não passe nem de longe pela censura. Hoje, como disse, ela é um quarto poder, e um super-poder irresponsável, que diz o que quer, como quer, sem ter que prestar contas a ninguém do que diz, a não ser, supostamente, teoricamente, à própria opinião pública, à própria sociedade, que seria o seu suporte de viabilização. Seria, teoricamente; porque na verdade não é; o verdadeiro suporte da mídia, ao qual ela presta contas, todos sabemos, é apenas uma parte da sociedade, a parte mais poderosa, aquela onde estão os interesses do capital. O resultado é que a mídia é parcial, é facciosa, na crítica e na informação, e é enganosa, porque disfarça competentemente este facciosismo. Não obstante, tem que ter liberdade de dizer, de criticar, de fiscalizar, porque esta liberdade é um dos pontos cardeais do regime democrático.

Como fiscalizar este poder fiscalizador irrestrito? Como cobrar-lhe responsabilidade? Essa é a questão de fundo.

A meu juízo, a melhor maneira é, primeiramente, diversificar a mídia, criar meios de sustentação para outros órgãos cuja fidelidade não se prenda aos interesses do capital, mas aos interesses do trabalho, da Universidade, de outros setores da sociedade. É a forma de dar à opinião pública a oportunidade de conhecer outras perspectivas de informação e de crítica, outros noticiários, outros cenários, outros comentários, e de exercer, por esta via da diversidade, a fiscalização e a seleção da própria mídia. Na mesma linha da diversificação, mas agora concedendo faculdades análogas aos outros três poderes, pensando nas harmonias e contrapesos de Montesquieu, seria fazê-los também participar da mídia, isto é, dar aos outros poderes a possibilidade de ter meios de comunicação, de ter órgãos da mídia.

Essa linha de enfrentamento do problema vem sendo aos poucos implementada, com as TVs do Legislativo e do Judiciário, e, proximamente, com a multiplicação de canais da televisão aberta proporcionada pelo novo modelo digital, poderá ser muito mais efetiva essa diversificação, essa abertura de alternativas na formação de opinião. No fim deste ano, será realizada uma Conferência Nacional das Comunicações, apesar dos esforços contrários das grandes empresas da nossa mídia. Será mais uma dessas Conferências Nacionais, que têm abrangido quase todos os setores da economia e da sociedade, seguindo a política de alargamento e aperfeiçoamento da nossa Democracia, política desenvolvida sistematicamente pelo atual Governo e muito pouco noticiada pela imprensa. Mas será a primeira, em toda a nossa História, a discutir os meios de comunicação e as formas de torná-los mais verdadeiros, imparciais e democráticos. Melhor teria feito o Presidente se enfatizasse a importância desta grande Conferência, iniciativa importantíssima do seu governo, em lugar de pretender retirar da mídia a sua liberdade de fiscalização, o seu dever mesmo de fiscalização.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 86/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

Agora, na fala do dia seguinte, sobre o travamento do Governo pelos excessos de fiscalização, não só dos Tribunais de Contas mas também de outras instâncias fiscalizadoras, acho que ele tem certa dose de razão. Tive oportunidade de testemunhar, na Comissão de Orçamento do Senado, a paralisação de dezenas e dezenas de obras federais, durante meses, determinada pelo TCU, por falta de cumprimento de formalidades absolutamente irrelevantes. Mas isso já é outro assunto. Além de ser muito polêmico também. Democracia, de fato, trava governo, exige muita prestação de contas, que é absolutamente necessária. Mas dá para discutir o tema, e principalmente os abusos.

Instituto Solidarietà Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br